


Apagamento de /R/ e /S/ em coda no Português Principense

Deletion of /R/ and /S/ in coda in Principense Portuguese

Amanda Macedo Balduino¹

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

amanda.m_b@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-1062-973X>

Abstract: The Principense Portuguese (PP) is one of the varieties of Portuguese spoken in São Tomé and Príncipe and shares structural characteristics with Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP), besides presenting intrinsic characteristics evidenced by the consonant filling of the coda, which, just as in BP and EP, can be composed of /R, S, l, N/, but with a wide phonetic variation. This study aims to describe the consonantal filling of the coda in PP, as well as to analyze the processes of deletion of /R/ and /S/ in this variety where the deletion of /R/ and /S/ occurs in 55.2% and 12.3% of the time, respectively, and is favored by the word border context.

Keywords: Principense Portuguese; coda deletion, syllable.

Resumo: O português principense (PP) é uma das variedades do português faladas em São Tomé e Príncipe e compartilha características estruturais com o português brasileiro (PB), com o português europeu (PE), além de apresentar características intrínsecas, evidenciadas pelo preenchimento consonantal da coda nesta variedade, que a exemplo do PB e do PE, é composto por /R, S, l, N/, porém com ampla variação fonética. Este artigo tem como objetivo descrever o preenchimento consonantal da coda no PP, bem como analisar os processos de apagamento de /R/ e /S/ nesta variedade, na qual foi

¹Agradeço à FAPESP pela bolsa (processo 2017/26595-1) que me permitiu dedicar à essa pesquisa.

constatado o desaparecimento de /R/ e /S/ em 55.2% e 12.3% das vezes, respectivamente, e favorecido pelo contexto de fronteira de palavra.

Palavras-chave: Português principense; apagamento coda, sílaba.

1 Introdução

O português principense (PP) é uma variedade da língua portuguesa falada na Região Autónoma do Príncipe, na República de São Tomé e Príncipe (STP). A ilha de Príncipe possui uma população de aproximadamente 7.542 habitantes, ao passo que a Ilha de São Tomé conta com cerca de 180 mil (INE 2012). Desde 1975, ano em que se tornou independente de Portugal, STP oficializou o português como língua oficial. O português é a língua mais falada no arquipélago, posto que 98% da população se declarou falante em 2011 (INE 2012), fato que acarreta um declínio das línguas nacionais, o santome, o lung'le e o angolar, três línguas crioulas autóctones, e do kabuverdianu, língua transplantada ao país no final do século XIX (Araujo 2019). Neste trabalho, tendo como foco de estudo o PP, pretendemos: (i) trazer uma caracterização geral do preenchimento consonantal da coda em PP e, (ii) como base em tal descrição, investigar a possibilidade de apagamento segmental de /R/ e /S/ nesse constituinte silábico, como é constatado em alguns dialetos do português brasileiro (PB), do português europeu (PE) e no português santomense (PST) (cf. Callou 1987; Callou et al. 1994; Brandão et al. 2003; Rodrigues 2012; Hora et al. 2010; Brandão et al. 2017).

De acordo com Selkirk (1982), a coda é a posição mais débil da estrutura silábica, e, por isso, é mais suscetível à variação e a apagamentos, que priorizariam a estrutura CV. O estudo de Balduino (2018), dedicado à nasalidade vocálica no PP, assume a consoante nasal /N/ como possível em coda silábica e evidencia seu apagamento segmental em meio e em fronteira de palavra, o que poderia confirmar a fragilidade de tal posição. Dessa forma, nossa hipótese inicial é que as consoantes /R/ e /S/ em coda, em PP, podem, também, estar suscetíveis a fenômenos de enfraquecimento. Para confirmarmos esta hipótese, além de atentarmos ao comportamento fonotático das consoantes alvo deste estudo, consideraremos estudos anteriores dedicados ao PB e ao PE, de modo que, assim, possamos comparar o processo de apagamento consonantal entre essas variedades.

Este artigo está dividido do seguinte modo: na seção 2, apresentamos alguns estudos dedicados à análise do apagamento de róticos e sibilantes em variedades como o PB, o PE e o PST. Isso posto, na seção 3, descrevemos a composição de *corpus* e indicamos a metodologia empregada para, na seção 4, discutirmos os segmentos licenciados na coda do PP. Após discutidos os métodos utilizados, na seção 5 descrevemos o apagamento de /R/ em coda ao passo que, na seção 6, o apagamento de /S/ é evidenciado. Na seção 7, por fim, estão as considerações finais.

2 O apagamento em coda silábica: revisitando os róticos e a sibilantes

Assumimos que a sílaba é organizada a partir de uma estrutura hierárquica com constituintes internos (cf. Selkirk 1982). Neste trabalho, concentrar-nos-emos em um desses constituintes: a coda. Um dos argumentos que sustentam a presença da coda em português é a ocorrência de fenômenos que estão sob seu domínio, como os apagamentos de /R/ e /S/ em PB, em PE e em PST (cf. Callou 1987; Callou et al. 1994; Brandão et al., 2003; Mateus e Rodrigues 2003; Pedrosa e Hora 2007; Brandão et al., 2017). Em relação ao rótico e às sibilantes, os estudos supracitados do PB e do PE observam que é no contexto de coda que sua realização tende a variar, sendo opcionalmente apagados.

Visando descrever o comportamento variante de /R/ no PB, Callou (1987) e Callou et al. (1994) constatam uma tendência ao apagamento de /R/ em coda. Outros trabalhos ultrapassam o domínio da sílaba e destacam os índices de apagamento de /R/ em coda, os quais tendem a ser mais acentuados em final de palavra e menores em seu interior (cf. Callou e Serra 2012), indicando, desse modo, uma possível atuação de outros constituintes prosódicos na produtividade do fenômeno. No PE, por sua vez, o apagamento de /R/ também é constatado, contudo, com menor frequência e dentro de um contexto de fala informal (cf. Mateus e Rodrigues 2003; Rodrigues 2012). Para Brandão et al. (2003), o PE, ao contrário do PB, tende a manter a estrutura CVC, hipótese que, de acordo com as autoras, encontra “respaldo no fato de o PE ser uma modalidade de reforço consonântico, ao passo que o PB tende a reforçar seu quadro vocálico” (Brandão et al. 2003: 14).

A sibilante também é alvo de apagamentos em PE e, especialmente, em PB. Na variedade europeia, o apagamento de /S/ em coda é engatilhado pela natureza da consoante seguinte, sendo mais comum diante de soantes, como em **mai[l]uz**. Ademais, /S/, em coda e em final de palavra, pode ser ressilabificado como onset com a vogal seguinte (**a[z]almas**; **o[ʒ]amigos**) ou fundido com outras sibilantes (**mai[l]imples**) (Rodrigues 2012: 147). Em PB, o apagamento da sibilante é pouco produtivo em posição medial e comum em fronteira de palavra (Pedrosa e Hora 2007). Sua ressilabificação, assim como em PE, é produtiva e, para Hora, Pedrosa e Cardoso (2010: 77), a frequência da variante alveolar em final de palavra é maior em relação à variante zero, indicando que /S/ escapa ao comportamento das demais consoantes em coda no PB, como é o caso dos róticos. O comportamento distinto da sibilante conduz os autores a proporem a existência de um onset com núcleo não preenchido foneticamente, resultando em um padrão CV para /S/ e não CVC (Hora et al. 2010: 77).

A coda é um constituinte crucial para a descrição fonológica do português, bem como para a discussão de processos como o apagamento. Tendo como foco o comportamento de /S/ e /R/ em coda, concluímos que o PB e o PE apresentam um comportamento distinto no tratamento a tais consoantes, variando quanto ao preenchimento fonético atribuído a esse constituinte, bem como quanto à produtividade e contexto de apagamento. Sabendo disso, nosso objetivo é descrever o preenchimento consonantal atribuído à coda, bem como analisar a possibilidade de apagamento das sibilantes e dos róticos nesta posição no PP.

3 Métodos e Procedimentos

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizados dados de um *corpus* coletado na cidade de Santo Antônio do Príncipe, capital da Ilha do Príncipe, constituído por entrevistas sociolinguísticas gravadas em 2016. Nesta análise, trabalhamos com três entrevistas, cada uma com duração de aproximadamente 60 minutos, porém descartamos os 15 primeiros minutos, de modo a representar uma produção menos controlada da fala vernacular dos informantes. Posto que o objetivo deste trabalho é propor uma descrição preliminar do comportamento da coda consonantal no PP, analisando fenômeno de apagamento de /R/ e /S/, não nos dedicamos ao estabelecimento de variáveis independentes de análise, sejam estas sociais ou fonéticas. Uma análise sociolinguística está além do escopo deste trabalho, todavia, reconhecendo os possíveis efeitos que as variáveis podem exercer na aplicação do processo, delimitamos o perfil dos informantes como mulheres entre 36 e 50 anos.

A escolha dos informantes, além do sexo e da faixa etária, levou em consideração a naturalidade, a filiação e a língua materna. Dessa forma, todos os informantes eram naturais da Ilha do Príncipe, filhos de pais principenses e tinham o português como língua materna. A escolaridade não foi um fator que pôde ser padronizado, pois, no *corpus*, não havia um mesmo grau de escolaridade para a faixa etária considerada. Assim sendo, dois informantes possuíam um grau mais elevado de escolaridade, tendo terminado a escola secundária, ou décima segunda classe, e um informante havia estudado até a quarta classe.² Ressaltamos, portanto, que tal fator pode influenciar os resultados deste trabalho, uma vez que há estudos que apontam ser a escolarização uma variável não linguística relevante para análise de apagamentos em coda (cf. Bouchard, 2017).

O *corpus* é composto por todas as ocorrências das palavras com coda /S/ e /R/. Esse método tem como propósito registrar as possíveis realizações de um mesmo item lexical, já que um mesmo falante pode pronunciar uma mesma palavra de formas distintas (cf. Christofolletti 2013). No total, para análise do apagamento segmental, contabilizamos 3.440 ocorrências, sendo 1.136 para /R/ e outras 2.304 para /S/. Os dados foram analisados, primeiramente, através de um exame perceptual, para que pudessemos identificar as ocorrências do fenômeno. Em seguida, essas ocorrências foram submetidas a uma análise acústica, de modo a confirmarmos o apagamento da coda nos dados. Para tanto, nos valem do programa *Praat*,³ pelo qual pudemos

² A finalização da décima segunda classe equivaleria ao término do Ensino Médio brasileiro, ao passo que a quarta classe, o término do Ensino Fundamental I.

³ *Praat* (Boersma e Weenink 2015) – Software utilizado para análise e síntese de fala, pelo qual é possível acessar informações acústicas do segmento, como a duração, o formato de onda, o espectrograma e, no caso deste trabalho, sua ausência física.

observar a ausência espectral do segmento na produção dos informantes. Ademais, consideramos o *locus* de apagamento, verificando se a fronteira de palavra poderia influenciar, de alguma forma, o processo.

Para a descrição dos segmentos consonantais licenciados em coda, trabalhamos, ainda, com mais 223 ocorrências de palavras que continham /l/ em coda silábica. De forma similar ao processo de apagamento, os segmentos foram submetidos a exames de percepção e acústicos. Assim, por meio das alterações espectrais, delimitamos as possíveis realizações fonéticas observadas no *corpus*.

4 A coda no português do Príncipe: uma caracterização geral

Nesta seção, descreveremos, a partir do *corpus*, as consoantes que são licenciadas em coda no PP, para, após isso, analisarmos os processos de apagamento que atingem tal posição. Focaremos somente nos segmentos consonantais que ocupam a coda, e, portanto, não discutiremos o estatuto do glide enquanto constituinte silábico pertencente à coda ou a um núcleo complexo, já que tal discussão foge ao escopo deste trabalho.⁴ Com base no *corpus* formado por 5.967 ocorrências, notamos que a coda, em PP, é subjacentemente preenchida por: (i) uma consoante nasal /N/ (cf. Balduino 2018); (ii) por uma consoante fricativa /S/; (iii) por um rótico /R/ e (iv) pela lateral /l/. Foneticamente, foram constatadas diferentes realizações na coda, havendo variação em relação ao ponto de articulação e ao vozeamento de tais consoantes.

A consoante fricativa /S/ pode ser produzida como uma fricativa [coronal], seja esta pós-alveolar [ʃ], ou alveolar [s], ambas possuindo suas contrapartes sonoras [ʒ] e [z], um efeito de sonorização via assimilação do traço de vozeamento da consoante seguinte, como em **mesmo** [ˈmezmu] ~ [ˈmezmũ].

O rótico /R/, por sua vez, foi realizado como um tepe [r], uma aproximante retroflexa [ɽ], pelas vibrantes [r] ou [R], uma fricativa glotal [h] surda, uma vibrante uvular [ʀ] e uma fricativa uvular [ʁ]. No *corpus*, observou-se que o tepe é o rótico mais empregado na coda pelos informantes, sendo o segmento mais utilizado nas ocorrências analisadas. Entretanto, constatamos ainda, que a fricativa uvular é, também, amplamente produzida pelos falantes de PP, quer em contexto de coda, quer em *onset* (cf. Agostinho 2016), comportamento que produz neutralização sonora

⁴De fato, o glide é o segmento de análise complexa para todas as teorias fonológicas, pois apresentam características tanto de vogais, quanto de consoantes (Simioni 2011: 35). Assim, a análise do estatuto dos glides na sílaba, implicaria na discussão do próprio glide enquanto segmento, retomando à distinção entre glides subjacentes e, por isso, agrupados com as consoantes, e glides derivados, os quais são apenas fonéticos e seguem o padrão vocálico. Como o PP é uma variedade ainda pouco descrita, esta é uma discussão ainda a ser iniciada.

de alguns pares mínimos, que passam a ser homônimos. Este é o caso de *carro* e *caro*, os quais são ambos produzidos como [ˈkarʊ] ou [ˈkaβʊ], a depender do falante, ou seja, pronunciados de forma idêntica, embora mantenham a distinção semântica.⁵

A lateral /l/, por fim, é foneticamente realizada como uma lateral velarizada [ɫ] ou como um glide labial [w]. A aproximaste labial [w] ocorreu, em nossos dados, somente em fronteira de palavra, como em **social** [sosiˈaw], e, ainda assim, não foi constatada, nesse contexto, em todas as ocorrências analisadas. Em geral, a produção de [l] também foi muito comum em fronteira de palavra, ressilabificando, em alguns casos, para a posição de onset quando seguida por um item lexical iniciado por vogal: **seisentos e ta[la]lunos**.

A consoante nasal /N/ não é especificada para ponto de articulação, sendo foneticamente constatada a partir da nasalização da vogal nucleica, a qual passa a ser longa em relação às vogais orais (cf. Balduino 2018). A nasalização tautossilábica é um fenômeno que atinge vogais tônicas e átonas, sendo observado em cinco vogais [ĩ, ê, ẽ, õ, ũ] e resultando numa alteração do *template* silábico, o qual, com o apagamento de /N/, passa a ser realizado como uma sílaba CV.

As codas /S, R, l, N/, quando opostas na coda, promovem distinção de significado, como em **mar** /maR/ [ˈmar] x **mal** /mal/ [ˈmaɫ] x **mas** /maS/ [ˈmaf], ou /laR/ [ˈlar] x /laN/ [ˈlɛ̃], e podem ser observadas tanto em sílabas tônicas quanto em sílabas átonas, conforme indicado no quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição das codas /R/, /S/ e /l/ conforme a tonicidade da sílaba em PP.

| | ÁTONA | | TÔNICA |
|-----|----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| | Pré-tônica | Pós-tônica | |
| /R/ | Irmã [irˈmɛ̃] | Líder [ˈlɛ̃dɛr] | Governo [guˈvɛrnõ] |
| /S/ | Mosquita [muʃˈkitɛ] | Anos [ˈanõʃ] | Triste [ˈtɾiʃtɾi] |
| /l/ | Cultura [kuɫˈtʉɾɛ] | Potável [poˈtaveɫ] | Brasil [braˈziɫ] |
| /N/ | Bambu [bɛ̃ˈbu] | Bombom [bõˈbõ] | Canto [ˈkɛ̃tõ] |

As formas fonológicas, identificadas na coda do PP, são também possíveis na posição de *onset*, sugerindo que os segmentos licenciados em coda correspondem a um subconjunto da posição de ataque. Conforme Goldsmith (1990), isso acontece em

⁵Essa característica do rótico identificada para o PP também é observada na variedade de português falada na cidade de São Tomé (cf. Bouchard 2017). De acordo com Bouchard (2017), há uma mudança em curso no PST, podendo ser caracterizada pela alta produção da vibrante uvular [r] e da fricativa uvular [ʀ] em detrimento ao tepe [r].

decorrência de a coda ser um licenciador secundário e, por consequência, licenciar menos contrastes do que o *onset* - constituinte que é o licenciador primário e está ligado diretamente ao nó silábico (Goldsmith 1990: 123). Isso posto, assumimos que, fonologicamente, os segmentos licenciados em coda no PP são /N/, /S/, /l/ e /R/, ou seja, fonemas que, a exemplo do PE, possuem ponto de articulação subespecificado (cf. Mateus e D'Andrade 2000), porém são previstos no *onset* em sua forma *default* ou [coronal].

5 Apagamento de /R/ em coda

Como demonstrado na seção anterior, o PP apresenta diferentes variantes de /R/ na coda medial ou final. Nesta seção, investigaremos o apagamento desse segmento em posição de coda, analisando a possibilidade de ocorrência do fenômeno. Para tanto, trabalhamos com 1136 ocorrências, ou 333 itens lexicais distintos, compostas por 572 verbos (50.3%) e 564 não-verbos (49.7%). No *corpus*, a palavra mais frequente foi fazer, correspondendo a 80 ocorrências (7%). Dentre o total de ocorrências, constatamos o apagamento de /R/ em 55.2% dos tokens e a sua realização nos outros 44%, confirmando a produtividade do processo em PP.

Analisando, separadamente, o apagamento de /R/ conforme a classe lexical envolvida, notamos que as formas verbais são mais propícias a não realizarem o rótico em coda, como indicado na tabela 1.

Tab. 1: Percentual de apagamento de /R/ em coda das formas verbais e não-verbais em PP.

| | VERBOS | | NÃO-VERBOS | |
|--------------|-------------|------------|-------------|------------|
| | Ocorrências | % | Ocorrências | % |
| Apagamento | 476 | 83.2 | 151 | 26.8 |
| Realizações | 96 | 17.8 | 413 | 73.2 |
| Total | 572 | 100 | 28 | 100 |

Na tabela 1, observamos que, nas formas verbais, o apagamento foi realizado 83.2% das vezes, ao passo que sua realização ficou limitada a 17.8% das ocorrências. De modo inverso, as formas não-verbais favoreceram a realização de /R/ em coda, sendo constatada em 73.2% das produções analisadas e apagada em 26.8% das ocorrências. Concluímos, portanto, que a maior parte do apagamento do rótico ocorre em itens verbais, e a maior concretização de /R/, em itens nominais.

Considerando que a maior parte das formas verbais, cerca de 86.1% das ocorrências,⁶ são formas infinitivas, como trabalhar, podemos levantar a hipótese de que, além da posição em coda, o apagamento de /R/ tenha outras motivações prosódicas, como a fronteira final de palavra. Dessa forma, assim como apontado por Callou e Serra (2012) para o PB, o fenômeno seria mais recorrente em final de palavra do que em seu interior. Para testar essa hipótese, analisamos a realização e o apagamento de /R/ conforme sua posição dentro dos itens lexicais, os resultados são demonstrados na tabela 2.

Tab. 2: Percentual de apagamento de /R/ e de sua realização conforme a posição da sílaba dentro da palavra.

| | FRONTEIRA DE PALAVRA | | MEIO DE PALAVRA | |
|--------------|----------------------|------------|--------------------|------------|
| | <i>Ocorrências</i> | % | <i>Ocorrências</i> | % |
| Apagamento | 561 | 89.5 | 66 | 10.5 |
| Realizações | 143 | 28.1 | 366 | 71.9 |
| Total | 704 | 100 | 432 | 100 |

Entre as 704 ocorrências analisadas em fronteira de palavra, notamos que em 89.5% das vezes houve apagamento de /R/. Por outro lado, esse apagamento foi de apenas 10.5% no meio de palavra. A distribuição percentual contrária é observada em relação à realização do rótico em coda: enquanto o final de palavra não favorece a sua realização, sendo notada em 28.1% dos casos, o meio de palavra constitui um contexto mais propício para sua produção, contabilizando 71.9% das ocorrências. Assim, os resultados indicam que o apagamento do rótico é mais frequente, em PP, na posição de coda final. Essa conclusão é reforçada ao considerarmos o apagamento de /R/ contrastando formas verbais e não verbais apenas em fronteira de palavra, como indicado na tabela 3, bem como em meio de palavra, como demonstrado pela tabela 4.

Tab. 3: Percentual de apagamento de /R/ de verbos e não verbos em final de palavra.

| | VERBOS | | NÃO-VERBOS | |
|--------------|------------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| | <i>Apagamentos</i> | <i>Realizações</i> | <i>Apagamentos</i> | <i>Realizações</i> |
| Total | 86.1% (481/559) | 13.9% (78/559) | 43.2% (51/118) | 56.8% (67/118) |

⁶Precisamente 410 ocorrências.

Tab. 4: Percentual de apagamento de /R/ de verbos e não verbos em meio de palavra.

| | VERBOS | | NÃO-VERBOS | |
|--------------|--------------------|----------------------|-----------------------|------------------------|
| | <i>Apagamentos</i> | <i>Realizações</i> | <i>Apagamentos</i> | <i>Realizações</i> |
| Total | 7.9% (6/76) | 92.1% (70/76) | 15.9% (60/377) | 84.1% (317/377) |

Na tabela 3, observamos que o apagamento de /R/, em final de palavra, ocorre em 86.1% das formas verbais, ao passo que sua realização é restrita à 13.9% das ocorrências. Em relação às formas não-verbais, o fenômeno foi contabilizado em 43.2% dos casos, ao passo que a realização da coda ocorreu em 56.8% dos tokens. Se por um lado, o apagamento é percentualmente propício em final de palavra nas formas verbais, por outro, o fenômeno não parece ser favorecido, ou desfavorecido, nesse mesmo contexto, considerando as formas não-verbais. De fato, embora a maior parte das ocorrências das formas não-verbais seja com o /R/ em coda, o percentual de realizações sem /R/ também não é baixo, sendo avaliado 51 vezes em um total de 122 tokens (41.8%). Na tabela 4, a relação entre a fronteira de palavra e o apagamento de /R/ fica ainda mais perceptível. Em meio de palavra, o fenômeno é desfavorecido, apenas ocorrendo em 7.9% dos verbos e em 15.9% dos não-verbos. Logo, nossa hipótese inicial é confirmada, e atestamos a fronteira de palavra como domínio favorável à ocorrência do apagamento de /R/ em coda.⁷ Considerando, somente a posição de coda final, notamos que, grande parte da realização de /R/ nesse ambiente, era engatilhada pelo contexto sonoro sucessor à palavra-alvo. No geral, quando a palavra terminada por uma coda /R/, geralmente um verbo, era seguida por um item lexical iniciado por vogal, havia rerssilabificação. Logo, em PP, /R/, originalmente uma coda, é rerssilabificado, como tepe [r], o qual passa ocupar a posição de *onset*, formando uma sílaba CV com a vogal que antes constituía uma sílaba V, como indicado em já não vou faze[ri]sso. O maior percentual de apagamentos no fim dos itens lexical, em conjunto com a possibilidade de rerssilabificação neste mesmo domínio, indica que a borda final das palavras é mais suscetível, em PP, ao cancelamento de /R/, ao passo que a posição interna é mais resistente ao fenômeno.

A produtividade do apagamento de /R/ em coda, em consonância as diferentes realizações do rótico nesta posição silábica, a qual varia de uma vibrante múltipla

⁷É preciso salientar que, ao nos referirmos ao final de palavra, estamos assumindo o conceito de fronteira de palavra prosódica, o qual nem sempre coincide com a fronteira de palavra morfológica, já que aquela pode ser igual, maior ou menor que esta.

alveolar a um zero fonético, pode ser interpretada como um processo de enfraquecimento segmental em direção à simplificação silábica para uma estrutura CV (Callou 1987: 21). Seguindo a proposta de Callou et al. (1994) para o PB, é possível construir um *continuum* com as diferentes realizações do rótico coda em PP, indo de um elemento menos sonoro a um mais sonoro, até culminar em um zero fonético: [r] → [r̥] → [h] → [r̥] → [ʁ] → [r̥] → 0. De acordo com essa perspectiva, as possibilidades fonéticas de /R/ em coda, inclusive seu cancelamento, poderiam ser explanadas conforme uma simplificação articulatória, em que os sons que envolvem articulações mais complexas podem variar com sons menos complexos, podendo, inclusive, serem apagados (Callou et al. 1994). O apagamento de /R/ apontaria, então, a uma tendência do PP, à semelhança do PB, em buscar o padrão CV, ao contrário do PE, que, no geral, mantém a estrutura CVC (Brandão et al. 2003).

O cancelamento do segmento /R/ é, então, uma mudança sonora que ocorre na realização fonética dos itens lexicais, embora seu domínio de aplicação seja fonológico, como a fronteira de sílaba e a fronteira de palavra prosódica. Na ressilabificação, a fronteira de palavra também é relevante: quando está em final de palavra, o segmento /R/ pode ser dissociado da coda e, em seguida, ser associado em um onset silábico, formando uma sílaba CV com a vogal em início de palavra do item seguinte. O mesmo processo é realizado em casos de produção de vogal epentética em final de palavra. Em PP, em alguns casos, observou-se a presença de uma vogal alta, ora [i], ora [u], em fronteira de palavra, seguindo o rótico em coda. Este, então, é reinterpretado, passando a ocupar a posição de *onset* silábico.

Discutido o apagamento de /R/, analisaremos, na próxima seção, se este é um fenômeno capaz de atingir /S/, observando, caso sua ocorrência seja atestada, quais são os fatores favoráveis para o cancelamento da fricativa.

6 Apagamento de /S/ em coda

A partir da análise de um corpus formado por 2.304 ocorrências, ou 486 itens lexicais distintos, observamos que a sibilante em coda silábica pode ser elidida em PP. Esse apagamento foi constatado em 12.3% dos dados, enquanto sua realização foi verificada em 87.7% das ocorrências. Distintamente do apagamento de /R/ em coda, o qual ocorreu 55.2% das vezes, o apagamento de /S/, é um processo menos produtivo nesta variedade, demonstrando que a fragilidade da coda não é idêntica para todas as consoantes (Rodrigues 2012). Em PP, assim como em PB, o apagamento da sibilante possui interface morfológica, relacionando-se à marcação de plural. Em geral, em 89.3% dos apagamentos detectados, tínhamos a não marcação do plural simultaneamente à elisão de /S/. Todavia, este não foi o único contexto para a elisão da coda sibilante, sendo o /S/ elidido, também, de itens como menos, simples e mesmo. Conscientes, então, dessa possibilidade de apagamento em dados em que /S/

não apresentava qualquer relação com a marca de plural, da interface morfológica entre o apagamento de /S/ e a não marcação do plural, bem como do fato do plural ser marcado, em português, por um sufixo adjungido ao final do lexema, podemos analisar a possibilidade da fronteira de palavra, assim como no caso de /R/, ser favorável ao apagamento de /S/.

Observando a tabela 5, notamos que, entre os poucos casos de apagamento de /S/, a fronteira de palavra, com 14.1% das não realizações da sibilante, constitui um ambiente mais propício para o processo do que o meio de palavra, onde o apagamento foi verificado apenas 4,5% das vezes. A realização de /S/ em coda, por sua vez, quer em fronteira de palavra (85.9%), e, principalmente, em meio de palavra (95.5%), é mais produtiva.

Tab. 5: Percentual de apagamento de /S/ e de sua realização conforme a posição da sílaba dentro da palavra.

| | FRONTEIRA DE PALAVRA | | MEIO DE PALAVRA | |
|--------------|----------------------|------------|-----------------|------------|
| | Ocorrências | % | Ocorrências | % |
| Apagamento | 260 | 14.1 | 23 | 4.5 |
| Realizações | 1511 | 85.9 | 510 | 95.5 |
| Total | 1771 | 100 | 533 | 100 |

Restringindo nossa análise apenas às ocorrências em que constatamos o apagamento de /S/, a atuação da fronteira de palavra como contexto favorável para a elisão fica mais evidente. Dessa forma, na tabela 6, verificamos que, quando há apagamento da sibilante, este ocorre em 91.9% dos casos em final de palavra e somente 8.1% das vezes em meio de palavra.

Tab. 6: Apagamento de /S/ em final e em meio de palavra.

| | APAGAMENTO DE /S/ | |
|--------------|------------------------|----------------------|
| | Fronteira de Palavra | Meio de Palavra |
| Total | 91.9% (260/283) | 8.1% (23/283) |

Na tabela 6, através da distribuição percentual da elisão da sibilante, é possível defender que, em PP, o contexto segmental que antecede a coda /S/ possa influenciar o seu apagamento ou realização, como já demonstrado por alguns estudos sociolinguísticos dedicados ao PB (cf. Pedrosa e Hora 2006). Assim sendo, como o apagamento de /S/ é favorecido em fronteira de palavra, o ambiente segmental anterior, desde que em sílabas átonas, é restrito a /a, u, i/, aumentando a ocorrência de elisão neste contexto.

Quando o /S/ em fronteira de palavra não era apagado, frequentemente ele é ressilabificado como onset da sílaba seguinte, se esta é iniciada por uma vogal. Ao ser ressilabificada, a sibilante tende a se realizar como uma fricativa coronal sonora [z], caracterizada por ser [+anterior], como verificado em **todo**[za]lunos, e previsto em PB e em PE. Todavia, é comum encontrarmos, também, a ressilabificação de /S/ como fricativa palatal, identificada como [-anterior], como em **mai**[ʒɛ] **bom**.⁸ A realização de [ʒ] da sibilante em coda ressilabificada não é descrito em PB e, em PE, é assinalada como pouco frequente, mais comum na fala das pessoas mais jovens (cf. Rodrigues 2003; 2012).

A esse respeito, Rodrigues (2003) pontua, que a realização da sibilante palatal em PE, está condicionada, ainda, ao contexto seguinte à vogal inicial do item lexical contíguo à /S/ em fronteira de palavra. Para a autora, a produção de [ʃ] em ambiente propício à ressilabificação ocorre, sobretudo, no encontro de sibilantes, momento em que há a fusão dos dois segmentos /S/ e a realização adotada é a da consoante do ataque subsequente, resultando na produção de apenas uma sibilante: **vamo**[ʃ]perar (Rodrigues 2003: 240). Esse processo também é observado em PP e, frequentemente, notamos a realização de [ʃ] como resultado de uma possível fusão entre as fricativas, originalmente em codas de sílabas distintas, exemplificada por sequências como **ma**[ʃ]pera. Nos casos em que é detectada a fusão, a realização da fricativa recebe o vozeamento da coda da segunda palavra, o que nos leva ao questionamento se, de fato, estamos diante de uma fusão, ou se, o processo é resultado do apagamento da coda da primeira palavra, mais o apagamento da vogal inicial da segunda palavra. Em PP, a elisão da vogal inicial [i] quando seguida por uma coda sibilante, é recorrente, demarcando pronúncias como **escala** [ʃ'kalɐ] e **explicar** [ʃpli'ka], mesmo quando a palavra precedente não termina com coda /S/ como em **todo esforço**: **todo** [ʃ'forsu]. Fatos como esses nos levam, então, a assumir a hipótese que privilegia o apagamento em detrimento da fusão.

Comparado ao apagamento de /R/, podemos pontuar que a elisão de /S/ em coda silábica é menos produtiva em PP, sustentando o fato de que, embora o cancelamento das codas seja um processo comum nesta variedade, ele não ocorre de forma uniforme entre os diferentes segmentos licenciados nesta posição. Além disso, distintamente de /R/, /S/ não apresenta tanta variação das formas fonéticas, e, por isso, não permite o estabelecimento de continuum sonoro que ilustre o processo de enfraquecimento gradual em direção ao zero fonético. Em geral, o apagamento de /S/ foi também favorecido em final da palavra, corroborando a importância da fronteira prosódica para ocorrência do fenômeno. Assim como /R/, /S/ pode ser ressilabificado em *onset*. Esse processo tem como domínio a fronteira de palavra prosódica e ocorre quando o primeiro segmento da palavra seguinte é uma vogal. Distinguindo-se do PB, a ressilabificação das sibilantes não é limitada apenas à ocorrência alveolar da fricativa sonora, podendo ser constatada, também, com a fricativa palatal, ocorrência prevista em alguns dialetos do PE (cf. Rodrigues 2012).

⁸Mais foi monotongado neste exemplo.

7 Considerações Finais

Em PP, a coda pode ser preenchida por /N, R, S, l/. Tais segmentos apresentam diferentes realizações fonéticas, sendo que a sibilante e, especialmente, os róticos, tendem a possuir um maior número de variação, inclusive sendo apagadas nessa posição. O apagamento de /R/ e /S/ em coda é um processo recorrente em PP, entretanto, não podemos afirmar que a debilidade da coda é uniforme para esses segmentos, pois os róticos e as sibilantes apresentam índices percentuais de produtividade distintos. Em geral, enquanto o apagamento do rótico pôde ser observado em 55.2% das ocorrências analisadas, a sibilante foi elidida em apenas 12.3% das vezes. Isso nos leva a concluir, a exemplo de estudos anteriores dedicados ao PB e ao PE (cf. Pedrosa e Hora 2007; Rodrigues 2012), que, na variedade do Príncipe, embora a coda seja, de fato, um domínio suscetível a apagamentos e variações, sendo o constituinte mais frágil da sílaba (cf. Selkirk 1982), essa fragilidade não atinge todas as codas com a mesma intensidade ou do mesmo modo.

A coda silábica, em PP, corresponde, então, ao domínio do apagamento de róticos e sibilantes.⁹ Todavia, ainda que este seja um fator básico para a ocorrência do fenômeno, ele, por si só, não explica a diferença de produtividade entre os processos em meio e em fronteira de palavra. A fronteira de palavra, tanto no caso do apagamento de /R/, quanto no de /S/, foi o locus de maior frequência do processo, sendo produzido em 89.5% dos casos detectados para /R/ e em 91.9% dos casos para /S/. Dessa forma, observamos que o cancelamento de /R/ e /S/ possui motivação prosódica e é sensível à fronteira, seja esta silábica, ou de palavra. Por fim, concluímos que, em PP, a posição interna de palavra é tendencialmente resistente à concretização dos apagamentos, e, por isso, as realizações segmentais de /R/ e /S/ foram constatadas, respectivamente, em 71.9% e 95.5% dos casos neste contexto.

Este artigo apresentou o quadro geral da distribuição dos segmentos licenciados em coda no PP, focando nos processos de apagamento do rótico e da sibilante nesse domínio. É importante, em trabalhos futuros, investigar as tendências percentuais levantadas tendo em vista modelos estatísticos que possam atestar a relevância de fatores linguísticos e externos para ocorrência do apagamento de /R/ e /S/ na coda no PP. É interessante, também, que os resultados aqui apresentados sejam analisados a partir de dados de fala controlada, possibilitando, assim, o isolamento de contextos que possam limiar ou favorecer a realização de tais processos. Ademais, de modo a caracterizar a sílaba no PP, é necessária a verificação da possibilidade de implementação de outros fenômenos de enfraquecimento, como a vocalização da lateral, apagamento e ressilabificação identificados nesse domínio. Por fim, considerando a ecologia multilíngue na qual o PP está inserido, é preciso averiguar o licenciamento em coda, bem como a implementação de fenômenos nesse domínio, em cotejo com o *lung'le* e o *kabuverdianu*, línguas em contato com o português falado na ilha do Príncipe (Agostinho et al. 2016).

⁹O apagamento do rótico, além da coda, é comum, também, na posição de C2 de um onset complexo.

Referências

Agostinho, Ana Livia. 2016. Róticos em contexto intervocálico no Português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. In: IX ENCONTRO DA ABECS. Brasília, Universidade de Brasília, 28-30 de novembro.

Agostinho, Ana Livia; Bandeira, Manuele & Araujo, Gabriel. O Lung'le na Educação Escolar de São Tomé e Príncipe. *Trabalhos em Linguística Aplicada* 55: 591-618.

Araujo, Gabriel Antunes de. 2019. Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe? Manuscrito, inédito.

Balduino, Amanda Macedo. 2018. A nasalidade vocálica no português falado em São Tomé e Príncipe. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Bisol, Leda. 1999. A sílaba e seus constituintes. In Neves, Maria Helena de Moura (org.) *Gramática do Português culto falado: novos estudos*, 701-742. Campinas: Editora da Unicamp.

Boersma, Paul & Weenink, David. 2016. Praat: doing phonetics by computer (Version 5.3.82) Computer Program, 2016. Disponível em: <<http://www.praat.org>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Bouchard, Marie. 2017. Linguistic Variation and change in the Portuguese of São Tomé. Tese de Doutorado, New York University.

Brandão, Silvia; Mota, Maria Antônia & Cunha, Claudia. 2003. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o -R final de vocábulo. In Brandão, Silvia & Mota, Maria Antônia (orgs.) *Análise contrastiva de variedades do português*. Rio de Janeiro: In-Fólio.

Brandão, Silvia; Pessanhna, David; Pontes, Stefany & Corrêa, Monique. 2017. Róticos na variedade urbana do português de São Tomé. *PAPIA* 27: 293-315.

Callou, Dinah & Serra, Carolina. 2012. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE* 14: 41-58.

Callou, Dinah; Leite, Yonne & Moraes, João. 1994. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gramática do Português Falado*, 465-493. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP.

Callou, Dinah. 1987. Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Christofolletti, Alfredo. 2013. Ditongos no português de São Tomé e Príncipe. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

Goldsmith, John. 1990. A. Syllable Structure. In Goldsmith, John. *Autosegmental and metrical phonology*, 103-140. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing.

Hora, Dermeval; Pedrosa, Juliane & Cardoso, Walcir. 2010. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente? *Letras de Hoje* 45: 71-79.

Pedrosa, Juliane & Hora, Dermeval. 2007. Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 1.

INE. 2011. Instituto Nacional de Estatística (INE): São Tomé e Príncipe em Números. São Tomé: 2001. Disponível em: <http://http://www.ine.st/2012.html>

Mateus, Maria Helena & D'Andrade, Ernesto. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford linguistics.

Mateus, Maria Helena & Rodrigues, Celeste. 2004. A vibrante em coda no Português Europeu. Actas do XIXo Encontro.

Rodrigues, Celeste. 2012. Todas as codas são frágeis em português europeu? *Revista Linguística* 8: 138-149.

Rodrigues, Celeste. 2003. *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Lisboa: FCT-FCG.

Selkirk, Elizabeth. 1982. The syllable. In Hulst, Harry & Smith, Norval (eds.) *The Structure of Phonological Representations*, 337-383. Dordrecht: Foris.

Simioni, Taise. 2011. Uma Análise dos Vocóides Alto em Português Brasileiro: Relações entre Silabificação e Atribuição do Acento. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Recebido: 06/03/2019

Aprovado: 24/05/2019
